

# DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E A ORDEM DEMOGRÁFICA NO SÉCULO XXI: POLÍTICAS GLOBAIS OU REGIONAIS SOBRE O CONTROLE POPULACIONAL?

*SUSTAINABLE DEVELOPMENT AND THE DEMOGRAPHIC IN THE XXI CENTURY: GLOBAL OR REGIONAL POLICIES ON POPULATION CONTROL?*

**Ricardo Antônio Serrano Osorio**<sup>1</sup>  
Mestre em Direito Ambiental pela UCS

**RESUMO:** Segundo as últimas estadísticas do relatório de 2007 da ONU, o mundo começou a lotar pelo crescimento acelerado da ordem demográfica. Até o ano de 2050 estima-se uma população mundial de 9 bilhões, da qual nasce o questionamento se o mundo estará preparado para satisfazer as demandas das gerações futuras. Alguns países adotaram a política de controle populacional, mas outros incentivam para o incremento das taxas de fecundidade, como é o caso de alguns países asiáticos. Todos os países têm um objetivo em comum: assegurar e satisfazer os requerimentos alimentares de sua população. Portanto, o objetivo deste trabalho é responder o questionamento de que se atualmente

devemos incentivar e adotar políticas de controle populacional a nível global ou regional com o fim de prevenir as futuras catástrofes sociais e requebramento da economia global segundo o critério de Thomas Robert Malthus. Por último, tal questionamento será respondido tendo em consideração a garantia e eficácia do direito ao desenvolvimento sustentável das futuras gerações do século XXI.

**PALAVRAS-CHAVE:** Desenvolvimento sustentável; crescimento demográfico; controle populacional.

**ABSTRACT:** *According to the latest 2007 report of the UN statistics, the world began to be filled by the rapid growth of population changes. Until 2050 the world population is estimated at 9 billion, so the question arises*

---

<sup>1</sup> Mestrando em Direito Econômico e Socioambiental pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUC/PR, Brasil. Possui especialização em Direito Corporativo e graduação em Direito pela USMP, Lima - Peru. Membro do "Centro de Estudios de Derecho de Minería, Energía y Recursos Hídricos" - CEDEMIN. E-mail: richi27985@hotmail.com

*that if the world is ready to meet the demands of future generations. Some countries have adopted a policy of population control but other incentives to increase fertility rates as is the case in some Asian countries. All countries have a common goal: to ensure and meet the food needs of its population. Therefore, the aim of this work is to answer the question of who should actually encourage and adopt population control policies at global or regional levels in order to prevent future disasters and social upheavement the global economy at the discretion of Thomas Robert Malthus. Finally, this question will be answered taking into account the security and effectiveness of the right to sustainable development for future generations.*

**KEYWORDS:** *Sustainable development; population growth; population control.*

**SUMÁRIO:** Introdução; 1 As variáveis demográficas na programação das políticas públicas; 2 Relatório de Desenvolvimento Humano 2006, UNFPA – ONU; 3 Lotação mundial e medidas protecionistas dos países desenvolvidos; 4 Cumbre da APEC 2012: população e segurança alimentar; 5 Desenvolvimento sustentável e crise na modernidade: controle populacional setorial?; Considerações finais; Referências.

**SUMMARY:** *Introduction; 1 The demographic variables in the scheduling of public policy; 2 Human development report; 3 Global saturation and protectionist measures of developed countries; 4 Summit Meeting APEC 2012 Population and Food security; 5 Sustainable development and Crisis in Modernity, sectoral population control; Final considerations; References.*

## INTRODUÇÃO

A teoria populacional malthusiana analisa o crescimento populacional acelerado no mundo, pelo qual nos alerta sobre a importância do controle da natalidade, afirmando que o bem-estar populacional estaria intimamente relacionado com o crescimento demográfico do mundo. Thomas Robert Malthus alertava que o crescimento desordenado acarretaria na falta de recursos alimentares para a população, tendo como umas das suas consequências a fome mundial. Referente a esse último ponto, da preocupação com a fome no mundo causada pelo acelerado crescimento demográfico, Malthus reafirma que seria uma realidade caso não houvesse um controle imediato da natalidade.

Nesse sentido, Malthus se antecipou em nada menos que dois séculos para tratar essa importantíssima questão. Igualmente a outros precursores, foi vítima da intolerância e incompreensão de muitos dos seus coetâneos. Similar

rechaço sustentam, em nossos dias, certos setores religiosos e pseudomoralistas, sobre os métodos éticos tendentes a diminuir a quantidade de nascimentos<sup>2</sup>.

Na atualidade, o argumento das políticas públicas de controle populacional são vistas como posições que restringem o avance dos direitos sociais e, ainda mais, que o capitalismo procura que o controle da população mundial seja controlado e regulado pelos agentes econômicos. Um dos seus maiores críticos da teoria de Malthus era Karl Marx, o qual assegurava que as teorias malthusianas eram um intento do capitalismo para diminuir a população, ser suaves com o poder do proletariado e impossibilitar a revolução mundial.

Nesse sentido, Malthus pensava que, estando em equilíbrio população e alimentação, o constante aumento demográfico, antecipando-se ao aumento dos meios de subsistência, acabaria por provocar diminuição na remuneração do trabalhador, enquanto, pela escassez relativa dos alimentos, subiriam os preços destes. No período de miséria que adviria dessa situação, a população seria desestimulada a crescer. Ao mesmo tempo, os baixos salários reais induziriam maior emprego na agricultura, com o que cresceria a oferta de produtos de subsistência. O estado de miséria seria, então, abrandado, a população voltaria a crescer e tudo se repetiria<sup>3</sup>.

O objetivo de Malthus era conscientizar que os países devem dirigir um equilíbrio de crescimento da população e as reservas de alimentos para satisfazer suas necessidades e não cair em crises pela desproporcionalidade aritmética. Referente a essa proporcionalidade, Malthus aduz que o poder da população é infinitamente maior que o poder da terra de produzir a subsistência para o homem. A população, sem limitações, aumenta em proporção geométrica. Os meios de subsistência aumentam somente em proporção aritmética<sup>4</sup>.

Coerente com seu ponto de vista, Malthus propunha que os governos deveriam incentivar a agricultura mais do que a indústria. Assim, haveria maior produção agrícola, maior emprego no setor, maior remuneração ao trabalhador e, com a diminuição nos preços dos produtos agrícolas, maior ganho real para

<sup>2</sup> ACHÁVAL, Alberto. *Crecimiento demográfico y contaminación ambiental*. 1. ed. Buenos Aires: Editorial Dunken, 2006. p. 7.

<sup>3</sup> MALTHUS, Thomas Robert. *Princípios de economia política e considerações sobre sua aplicação prática*. Ensaio sobre a população. Trad. Regis de Castro Andrade, Dinah de Abreu Azevedo e Antonio Alves Cury. São Paulo: Nova Cultural, 1996. p. 10.

<sup>4</sup> HARDIN, Garrett. *População, evolução e controle da natalidade*. Cap. 2. Trad. Leonidas Gontijo de Carvalho. São Paulo: Companhia Editora Nacional. Editora da Universidade de São Paulo, 1967. p. 6.

todos. Os trabalhadores viveriam melhor, pelo menos até que a população crescesse. De qualquer forma, se a riqueza smithiana da nação ocorresse com algum aumento na produção agrícola, haveria, de início, algum ganho real para os trabalhadores<sup>5</sup>.

O crescimento da população não sempre será preocupante para todos os países, pois, por um lado, a preocupação é maior quando estamos ante uma sociedade que apresenta uma desproporcionalidade na taxa de mortalidade e de natalidade. No caso de alguns países asiáticos, a constituição da família por meio dos filhos se encontra regulada com certos limites na sua procriação. A história é distinta em alguns países europeus, nos quais a preocupação recai pelas baixas taxas de natalidade e as altas taxas de longevidade. Duas histórias distintas em um mesmo espaço e ao mesmo tempo.

Para completar essa breve teoria de Malthus, sua obra e circunstância, corresponde adicionar que, contrariamente ao que alguns sustentam, de profundas convicções religiosas, jamais preconizo métodos artificiais destinados a reduzir e impedir a fecundação. Limitou-se a propender à diminuição da natalidade mediante o atraso do matrimônio e a obrigação dos contraentes de mostrar a posição de meios econômicos suficientes para aguentar a futura moradia<sup>6</sup>. Assim, a tese de Malthus sobre o controle populacional será analisada sobre a viabilidade dessa teoria no século XXI. O que nos dizem as estatísticas, o que nos repara no futuro sobre os recursos alimentares?

## **1 AS VARIÁVEIS DEMOGRÁFICAS NA PROGRAMAÇÃO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS**

Em um sentido muito amplo, a relação entre população e recursos é o ponto de partida dos estudos de população, como, aliás, de todas as ciências humanas. É a questão que anima economia, ciência política, antropologia, história, além da sociologia e da demografia. Se não fossem problemáticos a distribuição e o acesso aos recursos, uma grande parte do corpo teórico dessas disciplinas desapareceria. Se todos os recursos fossem infinitos, então nenhum dos fatores demográficos seria problemático<sup>7</sup>.

---

<sup>5</sup> MALTHUS, Thomas Robert. Op. cit., p. 16.

<sup>6</sup> ACHÁVAL, Alberto. Op. cit., p. 20.

<sup>7</sup> HOGAN, Daniel Joseph (Org.). *Dinâmica populacional e mudança ambiental: cenários para o desenvolvimento brasileiro*. Núcleo de Estudos de População - Nepo/Unicamp. Campinas, 2007. p. 34.

Alberto Achával aduz que a demografia permite conhecer a quantidade, distribuição e composição de uma população em um momento determinado. Por comparação com dados anteriores, facilita o estudo das tendências e faz possível efetuar projeções e cálculos sobre o comportamento demográfico no futuro mediato, imediato e para frente, ainda que nem sempre coincidentes com a realidade. Além disso, possibilita aplicar decisões que propendam à manutenção das condições existentes, o que, pelo contrário, permite efetuar as mudanças necessárias<sup>8</sup>. Assim, a programação das políticas públicas dos Estados deve ter em consideração os fatores demográficos dessa realidade para obter um melhor resultado sobre as consequências dos impactos na sociedade. Frente a qualquer mudança necessária de índole social ou econômica se terá como ferramenta os índices demográficos como ponto de conexão na programação de políticas públicas.

Nessa linha da tomada de decisões nas políticas públicas dos Estados, Amartya Sen assinala que o foco básico se ateve na demonstração de como e por que as estatísticas de mortalidade podem ser úteis na formulação de decisões de políticas econômicas sobre um campo extenso, que cobre desde o desempenho geral até questões distributivas referentes à classe social, gênero e raça<sup>9</sup>. Grande parte dessas estatísticas são tomadas em conta nas políticas econômicas dos Estados. Sen aborda as taxas de mortalidade, mas não deixa de lado as taxas de natalidade, violência, longevidade, entre outras, quando analisa os índices de crescimento populacional.

Mario Pacheco reforça a posição de Amartya Sen e aduz que as populações crescem, estacionam ou regridem em números conforme o comportamento de duas variáveis demográficas mais importantes, quais sejam: as taxas de natalidade e de mortalidade. Se, de ano para ano, essas taxas permanecem praticamente iguais, a população é estacionária; se predomina a de natalidade sobre a de mortalidade, a população cresce; e, em caso contrário, a população tende a desaparecer. O decréscimo acentuado da taxa de mortalidade de par com altas taxas de natalidade explica o maior crescimento populacional dos povos subdesenvolvidos: as menores taxas de natalidade entre os povos

<sup>8</sup> ACHÁVAL, Alberto. Op. cit., p. 23.

<sup>9</sup> SEN, Amartya; KLIKSBURG, Bernardo. As pessoas em primeiro lugar. A ética do desenvolvimento e os problemas do mundo globalizado. Trad. Bernarndo Ajzenberg, Carlos Eduardo Lins da Silva. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 126.

desenvolvidos são a razão para um crescimento mais lento naqueles países<sup>10</sup>. Nessa linha de pensamento, cabe refletir que a adoção de políticas de controle populacional criará o risco de que as taxas de natalidade sejam muito inferiores às taxas de mortalidade, o que gerará um risco muito alto de que uma sociedade determinada desapareça ou ao menos que esteja ao borde da extinção. É aqui o primeiro questionamento sobre a teoria de Thomas Malthus sobre a viabilidade do controle populacional por meio dos métodos estabelecidos na sua teoria.

Antes de responder a esse primeiro questionamento, é importante analisar sobre essa dinâmica demográfica na América Latina (Cepal), sobre a qual Chackiel assinala que:

*[...] Otra característica que los diferencia, es el hecho de que en los países desarrollados la transición demográfica fue producto de la industrialización, de los avances en la medicina y del cambio de las condiciones de vida de la población, en cambio en nuestra región el proceso, vinculado inicialmente al alto crecimiento económico y a las transformaciones sociales de las décadas de 1960 y 1970, parece darse con cierta independencia de las crisis económicas de las últimas décadas e incluso en poblaciones en que la pobreza se mantiene o incluso aumenta. De alguna manera los países en desarrollo pueden incorporar tecnología ya disponible, que resulta apropiada y de bajo costo para el control de la mortalidad y la natalidad, la misma que a los países desarrollados les ha tomado mucho tiempo generarlas.<sup>11</sup>*

Frente a essa posição, surge o conceito de pobreza e ciência. A pobreza, nos países desenvolvidos e nos subdesenvolvidos, está marcada pelo avanço da ciência e da tecnologia. A ciência, por um lado, auxilia e forma parte de uma grande ferramenta para o controle dessas taxas de natalidade e mortalidade, mas, por outro lado, deixa uma grande instabilidade na tomada de decisão sobre essas áreas sociais. Está claro que as condições de vida em ambos os lados é distante e diferencial, e que o ideal é manter uma equiparação sobre

<sup>10</sup> PACHECO, Mário Victor de Assis. *Explosão demográfica e crescimento do Brasil*. Série Estudos sobre o Brasil e América Latina. Rio de Janeiro: Paz e Terra, v. 18, 1974. p. 13.

<sup>11</sup> CHACKIEL, Juan. *La dinámica demográfica en América Latina*. Centro Latinoamericano y Caribeño de Demografía (Celade) - División de Población. Serie 52. Santiago de Chile: Cepal, 2004. p. 12.

as prestações de serviços públicos básicos por meio dos avanços da tecnologia e da ciência. Nesse sentido, Edgar Morin aduz que o mito do progresso hoje desmorona, o desenvolvimento está enfermo; todas as ameaças para o conjunto da humanidade têm pelo menos uma de suas causas no desenvolvimento das ciências e técnicas (ameaça das armas de aniquilamento, ameaças ecológicas à biosfera, ameaça de explosão demográfica)<sup>12</sup>. Essa ameaça ao desenvolvimento sustentável dos países será analisada nos próximos pontos deste trabalho, mas antes é importante analisar a situação atual da demografia mundial por meio das estatísticas das Nações Unidas – ONU.

## 2 RELATÓRIO DE DESENVOLVIMENTO HUMANO 2006, UNFPA – ONU

As estimativas das Nações Unidas, para 2053, são de que haverá mais de 9 bilhões de pessoas no planeta, graças a progressos nos cuidados com a saúde, erradicação de doenças e desenvolvimento econômico. Isso significa que, durante minha vida, a população mundial terá mais do que triplicado. Mais pessoas nascerão entre este momento e 2053 do que as que existiam na terra quando eu nasci<sup>13</sup>.

O avanço das tecnologias e da aparição das inovações fazem com que o homem tenha maiores opções na satisfação de suas necessidades para sua supervivência; seu nível de vida e as taxas de natalidade aumentam com o transcurso dos anos por meio do fortalecimento desses dois fatores. Analisando especificamente o crescimento populacional da China, Thomas Friedman argumenta que, até 2050, 24% da população da China terá 65 anos de idade ou mais, comparados com os 8% atuais, e 7% terá 80 anos ou mais, comparados com o atual 1%.

Referente às taxas de fecundidade das sociedades europeias, Juan Chackiel aduz que:

*Los países desarrollados, sobre todo europeos, ya presentaban una fecundidad de reemplazo en la década de 1970 y tomó treinta años para que ello se plasmara en una tasa de crecimiento de la población nula. Para Latinoamérica como promedio se proyecta una fecundidad de reemplazo para*

<sup>12</sup> MORIN, Edgar; KERN, Anne Brigitte. *Terra-pátria*. Porto Alegre: Sulina, 2003. p. 91.

<sup>13</sup> FRIEDMAN, Thomas L. *Quente, plano e lotado*: os desafios e oportunidades de um novo mundo. Trad. Paulo Afonso. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010. p. 89.

*el quinquenio 2020-2025, y no tendría todavía tasas de crecimiento de la población nulas en 2050, año final de las proyecciones disponibles. (Cepal/Celade, 2004)<sup>14</sup>*

Para a maioria dos países asiáticos, com a exceção da China, a preocupação não é manter uma ordem de controle populacional, senão criar maiores incentivos para aumentar as taxas de natalidade. Assim, analisar o controle populacional de uma forma global e tomar medidas de forma paradoxal seriam medidas que levariam a uma assimetria entre o crescimento demográfico de diferentes países em diferentes situações distintas.

Assim, segundo o relatório da UNFPA/ONU, as pessoas vivem mais e têm menos filhos hoje, principalmente porque a tecnologia permite que façam isso. O envelhecimento da população está acontecendo rapidamente nos países em desenvolvimento, será preciso muita criatividade para enfrentar seus desafios<sup>15</sup>. No seguinte quadro, se pode ver o crescimento populacional global desde 1800 até 2100. Vejamos:



<sup>14</sup> CHACKIEL, Juan. Op. cit., p. 52.

<sup>15</sup> MARTINE, George. Desencadeando o potencial do crescimento urbano. Situação da população mundial 2007. *Revista Fundo de População das Nações Unidas UNFPA – UN*. New York, 2007. p. 33.

Referente ao crescimento populacional, é importante ter em consideração o Relatório de Desenvolvimento Humano de 2006 do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, no qual nos fornece uma visão geral e uma análise excelente das relações entre o poder, a pobreza e a água. O relatório destaca o fato de que a crua realidade da vida na favela desafia a análise estatística. Frequentemente, muitas pessoas vivem em cortiços compostos de várias casas nos quais só há uma instalação sanitária para servir a todos os adultos e crianças. A água é um recurso escasso e caro para a população urbana pobre, frequentemente comprada em pequenas quantidades, de vendedores de rua. Adquirida dessa forma, o custo unitário da água é muito mais alto do que para as pessoas que têm água encanada em seus lares<sup>16</sup>.

Nessa posição surge um segundo problema (o primeiro estava ligado à pobreza): a água. Em uma população determinada, o problema da prestação deste recurso já é complicado, ainda mais em favelas ou setores urbanos pobres. O problema a analisar é sobre quais seriam as ações como política de Estado ante a escassez de água de consumo humano a nível global, ainda mais tendo em consideração uma superpopulação. O avance da tecnologia e da ciência permite assegurar relativamente e viabilizar a prestação dos serviços básicos à população, mas frente a esse crescimento demográfico será que estaremos preparados para os mais de 9 bilhões de habitantes em 2050.

Em termos mais específicos, a Divisão de População das Nações Unidas publicou um relatório (13 de março de 2007) declarando que é provável que a população mundial aumente em 2,5 bilhões ao longo dos próximos 43 anos, passando dos atuais 6,7 bilhões para 9,2 bilhões em 2050. Esse aumento é equivalente à população de 1950, e será absorvido, em sua maior parte, pelas regiões menos desenvolvidas, cujo crescimento populacional, segundo projeções, saltará de 5,4 bilhões, em 2007, para 7,9 bilhões, em 2050. Enquanto isso, a população das regiões mais desenvolvidas deverá permanecer sem grandes modificações, na marca de 1,2 bilhão: poderia até declinar, se não fosse pela migração de habitantes de países em desenvolvimento para os países desenvolvidos – estimada em 2,3 milhões de pessoas anualmente, em média<sup>17</sup>.

Nessa sequência surge um terceiro problema: o aumento da população urbana. Em 2008, o mundo alcançou um marco invisível, porém significativo: pela primeira vez na história, mais da metade da população humana – 3,3 bilhões

<sup>16</sup> Idem, p. 17.

<sup>17</sup> FRIEDMAN, Thomas L. Op. cit., p. 89-90.

de pessoas – estará vivendo em áreas urbanas. Até 2030, esse número deverá chegar a quase 5 bilhões. Muitos dos novos habitantes urbanos serão pobres. O futuro dessas pessoas, o futuro das cidades nos países em desenvolvimento, o futuro da própria humanidade dependerá das decisões tomadas agora em preparação para esse crescimento<sup>18</sup>. O crescimento demográfico urbano está crescendo de uma forma muito acelerada. Grande parte de população toma a decisão de radicar nas grandes cidades, e essa concentração urbanística gera um caos e crise social pela geração em massa da miséria, pobreza e a falta de recursos básicos para satisfazer suas necessidades básicas. A migração massiva dos campos às cidades se apresenta pela ideia de que nestas urbes terão maiores oportunidades de desenvolvimento humano.

Segundo o Relatório de Desenvolvimento Humano sinala, a urbanização – o aumento da parcela urbana na população total – é inevitável e pode ser positiva. A atual concentração da pobreza, o crescimento das favelas e a ruptura social nas cidades compõem, de fato, um quadro ameaçador. Contudo, nenhum país na era industrial conseguiu atingir um crescimento econômico significativo sem a urbanização. As cidades concentram a pobreza, mas também representam a melhor oportunidade de se escapar dela<sup>19</sup>. O relatório apresenta o crescimento econômico na urbe como produto da migração massiva, mas estamos frente a uma sinergia negativa entre o crescimento e desenvolvimento sustentável dessa urbe. Crescimento por meio do fator do PIB nem sempre mostra reflexo um desenvolvimento humano nas urbes, tal é o caso das grandes cidades, como São Paulo, New York, Lima, México DF, entre outras.

Em 2007, o diretor-presidente do Fundo Populacional das Nações Unidas, Thoraya Ahmed Obaid, publicou um relatório revelando que, em 2008, mais da metade da humanidade estaria vivendo em cidades, e que “nós não estamos preparados para isso”. Segundo Obaid, as cidades menores absorveriam a maior parte do crescimento urbano: “Estamos nos concentrando nas megacidades, quando os dados nos dizem que a maior parte do movimento será em direção às cidades menores – com 500 mil habitantes ou mais”, que muitas vezes não dispõem de recursos hídricos e energéticos, nem de instituições governamentais para lidar com o crescimento das populações migrantes. A Associated Press, em uma reportagem procedente de Londres (27 de junho de 2007), observou

---

<sup>18</sup> MARTINE, George. Op. cit., p. 1.

<sup>19</sup> Idem, p. 1.

que, por volta de 2030, o número de habitantes das cidades deverá subir para 5 bilhões<sup>20</sup>.

Segundo esse último relatório, algumas cidades grandes ainda estão crescendo a uma taxa rápida, mas isso não é necessariamente ruim. Na economia globalizada, e em regiões como o leste da Ásia, o crescimento rápido pode ser um sinal de sucesso em vez de motivo para preocupação. Com efeito, algumas das megacidades associadas com a pobreza cresceram muito rapidamente nos últimos 30 anos. Mas estas são vistas cada vez mais como exceções<sup>21</sup>.

Referente a esse último ponto do crescimento demográfico nas cidades, a qualidade de vida nestas e os seus objetivos sociais a serem alcançados para satisfazer as necessidades básicas da população urbana, Juan Chackiel aduz que:

*[...] El programa de la CIPD pone su atención también en el desequilibrio del crecimiento de la población entre los países desarrollados y los menos desarrollados ya que, según se indica, el mayor aumento de la población de estos últimos podría dificultar sus expectativas de desarrollo sostenible. En ese sentido propone como parte del objetivo lo siguiente: "Tras reconocer que el propósito definitivo es mejorar la calidad de vida de las generaciones actuales y futuras, el objetivo es facilitar la transición demográfica cuanto antes en los países donde haya un desequilibrio entre las tasas demográficas y las metas sociales, económicas y ambientales, respetando al mismo tiempo los derechos humanos" [...].<sup>22</sup>*

Na atualidade se apresenta um desequilíbrio no crescimento populacional entre os países desenvolvidos e subdesenvolvidos. Segundo Chackiel, nesses últimos países se apresenta um impedimento ou restrição ao desenvolvimento sustentável, no qual se cria um desequilíbrio na qualidade de vida dos seus cidadãos. Aqui surge o questionamento que devem se programar restrições sobre o crescimento populacional nos países subdesenvolvidos como consequência desse desequilíbrio social, econômico e ambiental. Cabe perguntar se o melhor será tomar medidas de restrição do crescimento demográfico de forma global ou

<sup>20</sup> FRIEDMAN, Thomas L. Op. cit., p. 90.

<sup>21</sup> MARTINE, George. Op. cit., p. 9.

<sup>22</sup> CHACKIEL, Juan. Op. cit., p. 56.

tomar medidas de restrição ante fatores externos e internos deste crescimento populacional de forma determinada de uma sociedade em específico.

Como já analisamos, a necessidade do controle populacional dos países asiáticos é bem distinta à posição aos países europeus. Latino-América encontra-se em um meio termo nesse crescimento populacional, mas o alto grau de pobreza, miséria e índices de baixa qualidade humana faz pensar que esse controle do crescimento demográfico até que poderia ser viável em forma conjunta com os países da região. Esse último ponto de desenvolvimento sustentável e crescimento demográfico será desenvolvido no seguinte ponto deste trabalho.

Seguindo essa linha de crescimento populacional e desenvolvimento sustentável, o estudo *Population Matters for Sustainable Development*, da UNFPA, ONU, indica que:

*[...] These demographic differences fundamentally affect people's contribution to environmental burdens, their ability to participate in sustainable development, and their adaptability to a changing environment. Different demographic challenges require differentiated responses. The developmental challenges are by far the most significant where population growth and poverty are the highest, education is the lowest and vulnerabilities to environmental change are the greatest. Negative impacts on the environment tend to be the most significant where people's material consumption levels are at their highest [...].*<sup>23</sup>

Assim, quando analisamos o crescimento demográfico de uma população determinada, se deve analisar quais são os pontos fracos que levará a uma desproporcionalidade no desenvolvimento sustentável dessa sociedade determinada. Os índices de pobreza, consumo, a falta de água, a ausência dos serviços públicos básicos e o aumento da população urbana podem levar a uma grave crise social pela assimetria de uma superpopulação e a insatisfação das demandas sociais.

---

<sup>23</sup> Disponível em: <<http://www.unfpa.org/webdav/site/global/shared/documents/publications/2012/UNFPA%20Population%20matters%20for%20sustainable%20development.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2012.

Como bem sinalamos em linhas anteriores, os fatores econômicos e demográficos deverão ser sempre considerados ao momento da programação das políticas públicas em uma sociedade determinada para assegurar o direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado.

### 3 LOTAÇÃO MUNDIAL E MEDIDAS PROTECIONISTAS DOS PAÍSES DESENVOLVIDOS

A mudança climática atual gera uma migração massiva na procura de territórios habitáveis onde se garanta condições mínimas de sobrevivência. Os países europeus adotaram essas medidas contra essa migração massiva que irá se apresentar nas fronteiras dos países que a conformam. A migração chega principalmente desde os países africanos, como é o caso dos ilegais africanos nas Ilhas Canárias, Espanha, por citar um exemplo. Assim, nesse fluxo alto de migração aos países europeus, estes adotaram medidas de prevenção para contrarrestar esse fluxo, criando, assim, políticas de reforço com o uso da violência nas suas fronteiras. Nessa linha, Thomas Friedman nos explica que a União Europeia reagiu nos últimos anos ao espantoso influxo de imigrantes ilegais mediante a instalação de uma organização conjunta para defesa das fronteiras europeias. Sua direção e defesa pertencem à Agência *Frontex*. No que se refere as equipes *Rabits*, estas devem ser associadas oficialmente mediante resolução do Parlamento Europeu formado pelos Estados-membros “em situações de exceção ou de extrema necessidade” e “por um período limitado”, especificamente quando um “Estado-membro” se encontra sob a pressão maciça de um fluxo de indivíduos naturais de países do Terceiro Mundo que tente ingressar ilegalmente ou invadir pela força um território sob a jurisdição do referido país<sup>24</sup>.

Assim, o crescimento demográfico, as mudanças climáticas, a geração da violência na procura de terras habitáveis, a produção de alimentos para a satisfação da população, são pontos mais destacados nas agendas desses países.

A violência é gerada pela miséria, a miséria nasce pela escassez de recursos e a falta de recursos se apresenta, em muitos casos, pela atual crise, não só econômica, senão, principalmente, pela crise ambiental e suas consequências pela mudança climática. Nesse sentido, referente a essa crise socioambiental, Enrique Leff aduz que essa crise veio acompanhada pela emergência da complexidade

<sup>24</sup> WELZER, Harald. *Guerras climáticas: porque mataremos e seremos mortos no século 21*. São Paulo: Geração Editorial, 2010. p. 196-197.

da gente e a instrumentalidade do conhecimento pelo fracionamento do real, isto é, as relações humanas se apresentam cada vez com menos interação conjunta e de que as atitudes nas tomadas de decisão estão cada vez mais longe de uma consciência ambiental<sup>25</sup>. Nesse sentido, a crise ambiental anuncia uma mutação dos sentidos da vida. Morte e transfiguração: criação de novos sentidos para reconstruir a história a partir dos limites da modernidade<sup>26</sup>.

Nesse sentido da crise ambiental e seus efeitos globais, Thomas Friedman indica que o crescimento (populacional) se tornou tão grande e tão rápido que Michael V. Hayden, diretor da Agência Central de Inteligência (a CIA), declarou que seus analistas hoje acreditam que a tendência mundial mais preocupante não é o terrorismo, mas a explosão demográfica<sup>27</sup>. É um aumento de 40% a 45% – impressionante –, mas a maior parte desse crescimento deverá ocorrer, quase certamente, em países menos preparados para enfrentá-lo. Isso irá criar uma situação propícia à instabilidade política e ao extremismo – não apenas nessas áreas, mas também fora delas<sup>28</sup>. Nesse sentido, Thomas Friedman aduz que se suas necessidades básicas – alimentação, moradia, educação e emprego – não forem asseguradas, eles poderão ser atraídos para a violência, agitações civis e extremismo<sup>29</sup>.

Sem dúvida o crescimento demográfico e sua explosão propriamente é uma das maiores preocupações dos países desenvolvidos, como é o caso dos EEUU, pelo qual esse problema não só repercute frente a uma instabilidade política, senão vai gerar violência entre nós mesmos pela obtenção dos alimentos.

A preocupação atual destes países desenvolvidos deixa de ser o terrorismo e passa ser a explosão demográfica, criando, assim, um desequilíbrio no desenvolvimento sustentável na humanidade.

#### **4 CUMBRE DA APEC 2012: POPULAÇÃO E SEGURANÇA ALIMENTAR**

Mais de um século e meio após a primeira apresentação dos pontos de vista de Malthus a respeito do crescimento populacional e da insuficiência de

---

<sup>25</sup> LEFF, Enrique. *Saber ambiental*. Sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Rio de Janeiro: Vozes, 2001. p. 406.

<sup>26</sup> Idem, p. 414.

<sup>27</sup> FRIEDMAN, Thomas L. Op. cit., p. 90.

<sup>28</sup> Idem, p. 91.

<sup>29</sup> Idem, p. 91.

alimentos no mundo, o problema continua a preocupar economistas e cientistas políticos do mundo atual. Hoje, por certo, ninguém defenderá a ideia das diferentes progressões matemáticas. Conhecemos bem a distância entre as pessimistas previsões malthusianas e a experiência histórica dos povos de que se tem notícia.

Mas, em muitos países do mundo, na Ásia, na África e América Latina, o crescimento da população sempre preocupa, quando se tem em conta a capacidade de geração de alimentos. Fundamentam-se, assim, as preocupações com o controle de natalidade, que chega a ser objeto de campanhas – e ação mais concreta – dos governos da Índia e China, para citar exemplos<sup>30</sup>.

Assim, referente a essa preocupação do crescimento populacional e da insuficiência de alimentos no mundo, atualmente os líderes das economias da Ásia-Pacífico discutem sobre si se devem estabelecer medidas protecionistas sobre alguns alimentos. O crescimento demográfico e assegurar as reservas alimentares básicas são alguns pontos que estão na agenda da Cumbre da PEC 2012.

Os líderes das economias da Ásia-Pacífico rejeitaram as limitações às exportações de alimentos, baixo o argumento de que a abertura dos mercados ajuda a assegurar a oferta. No comunicado oficial desse foro econômico, determinou-se que:

*Reconociendo que las prohibiciones y otras restricciones a las exportaciones de alimentos pueden provocar volatilidad en los precios, especialmente para las economías que dependen de las importaciones de productos básicos, reiteramos nuestro compromiso contra el proteccionismo.*

*Tenemos la determinación de asegurar mercados justos y abiertos, reducir la volatilidad de precios y establecer una mayor seguridad alimentaria regional y mundial, y confirmar nuestro compromiso de desarrollar infraestructura para los mercados alimentarios y reducir las pérdidas posteriores a las cosechas a lo largo de la cadena de suministro de alimento.*<sup>31</sup>

<sup>30</sup> MALTHUS, Thomas Robert. Op. cit., p. 18.

<sup>31</sup> Disponível em: <<http://elcomercio.pe/economia/1466281/noticia-lideres-cumbre-apec-contra-proteccionismo-alimentos>>. Acesso em: 8 set. 2012.

A maioria dos países adotou a posição de estar contra o protecionismo dos alimentos. As políticas econômicas destes países irão aprofundizar essa abertura. Desde uma ótica liberal na economia de mercado, se considera que o mercado se fortalece quando um não *distorciona* as economias com medidas protecionistas.

Por outro lado, o extraordinário progresso técnico associado à produção, tanto de alimentos quanto de outros bens, permitiu que o problema da escassez fosse sendo continuamente postergado. A essência da questão, contudo, permanece; a fome mundial constituiu-se na principal preocupação das Nações Unidas<sup>32</sup>.

Os países adotam medidas contra a possível alça de valores dos preços dos alimentos e mais ainda sua preocupação recai na escassez dos mesmos. A fome e a miséria estão conectadas com os fatores de crescimento demográfico segundo suas taxas de natalidade e mortandade.

É aqui a preocupação mundial se a produção atual satisfaz ou não a demanda de alimentos que precisa o mundo. Esse último será desenvolvido nos próximos capítulos.

Referente a essa demanda de alimentos, o estudo *Population Matters for Sustainable Development*, da UNFPA, ONU, indica que:

[...] *Out of the 7 billion people that currently inhabit the world, more than 1 billion continue to live in extreme poverty. About as many suffer from food insecurity (FAO, 2008) and live in slums (UN Habitat, 2010; UNFPA, 2007), and millions are unable to find productive and remunerative employment (ILO, 2011; 2012a). Meeting people's needs calls for a more balanced distribution of economic resources, but it also depends on higher levels of economic output. Today, for example, food insecurity is still largely a question of access – the capacity of people to purchase food on the market places – but food security is also rapidly becoming a question of availability – the capacity of the agricultural sector to produce food in sufficient quantities (Herrmann, 2009). According to estimates by the Food and Agriculture Organization (FAO), world agricultural output will need to grow by no less than 70 per cent to feed a world population of*

---

<sup>32</sup> MALTHUS, Thomas Robert. Op. cit., p. 18.

*9 billion which will most likely be reached before 2050 (FAO, 2010a; 2010b; 2009; Godfray et al., 2010; IFPRI, 2010) [...].*<sup>33</sup>

Como bem sinala esse relatório da UNFPA, dos 7 bilhões de pessoas que atualmente habitam no mundo, mais de 1 milhão continua vivendo na pobreza extrema. A segurança alimentar e a oportunidade de um emprego produtivo de qualidade são as duas preocupações dos organismos internacionais na satisfação dessas necessidades. Outro problema central ante esse crescimento populacional e satisfação dos recursos alimentares a nível global é a eficiência qualitativa e quantitativa da produção agrícola mundial. Essa última atividade econômica deverá crescer pelo menos 70 por cento para alimentar uma população mundial de 9 bilhões de habitantes antes do 2050. O crescimento demográfico e o crescimento da produção agrícola guardam uma relação sólida com problematização compartilhada.

Em suma, mesmo que muitos problemas ainda precisem ser enfrentados para que a sustentabilidade ambiental venha a ser bem mensurada, está mais do que claro que o lado social do problema passou a ser inseparável de seu lado ambiental. Todavia, não é tão evidente o modo como os qualificativos “social” e “ambiental” devem ser amalgamados ou fundidos na resultante “socioambiental”<sup>34</sup>. A tragédia do desenvolvimento e o subdesenvolvimento do desenvolvimento, a corrida desenfreada da tecnociência, a cegueira que o pensamento parcelar e redutor produz, tudo isso nos lançou na aventura descontrolada<sup>35</sup>.

Por fim, depois de ter analisado os índices demográficos atuais, o crescimento da população urbana, a pobreza, a miséria e a necessidade dos serviços públicos básicos de uma sociedade para refletir sobre uma racionalidade ambiental, passaremos a analisar a relação entre desenvolvimento sustentável e população.

## **5 DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E CRISE NA MODERNIDADE: CONTROLE POPULACIONAL SETORIAL?**

Edgar Morin aduz que não se poderia destacar um problema número um, que subordinaria todos os demais; não há um único problema vital, mas

<sup>33</sup> Disponível em: <<http://www.unfpa.org/webdav/site/global/shared/documents/publications/2012/UNFPA%20Population%20matters%20for%20sustainable%20development.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2012.

<sup>34</sup> VEIGA, José Eli da. *A emergência socioambiental*. São Paulo: Senac, 2007. p. 88.

<sup>35</sup> MORIN, Edgar; KERN, Anne Brigitte. Op. cit., p. 93.

vários problemas vitais, e é essa intersolidariedade complexa dos problemas, antagonismos, crises, processo descontrolado, crise geral do planeta, que constitui o problema vital número um<sup>36</sup>. Nessa lógica de Morin, os problemas socioambientais estão interligados aos problemas pelo crescimento populacional, pela crise ambiental, pelos graves conflitos sociais que acontece no mundo atual e entre outros.

Referente ao desenvolvimento sustentável e sua dinâmica populacional, o relatório da ONU, *Population Matters for Sustainable Development*, da UNFPA, 2010, indica que:

*[...] Unsustainable patterns of consumption and production, which erode essential and irreplaceable natural resources, would ultimately undermine the very basis for economic growth and social progress. It is therefore important that the objective to promote social progress, which requires higher economic output, does not jeopardize the sustainability of the environment. Efforts to achieve these balances – which are at the heart of sustainable development strategies – are strongly influenced by population dynamics.*<sup>37</sup>

O tema do desenvolvimento, após um período de ostracismo acadêmico e político, voltou recentemente a despertar o interesse de pesquisadores e formuladores de políticas públicas. O retorno dessa agenda tem como particularidade o relevo atribuído ao ambiente jurídico-institucional, no âmbito tanto das agências multilaterais de fomento como dos governos nacionais<sup>38</sup>. Para compreender o processo de crescimento, é indispensável formar-se inicialmente uma ideia do tipo de universo econômico dentro do qual ele tem lugar<sup>39</sup>.

Mas, a tudo isso, o que entendemos por desenvolvimento? Nas palavras de Luis Bresser Pereira, o desenvolvimento é um processo de transformação

---

<sup>36</sup> Idem, p. 94.

<sup>37</sup> Disponível em: <<http://www.unfpa.org/webdav/site/global/shared/documents/publications/2012/UNFPA%20Population%20matters%20for%20sustainable%20development.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2012.

<sup>38</sup> SHAPIRO, Mario Gomes. Repensando a relação entre Estado, direito e desenvolvimento: os limites do paradigma *Rule Of Law* e a relevância das alternativas institucionais. *Revista Direito GV*, 6 (1), jan./jun. 2010. p. 214.

<sup>39</sup> FURTADO, Celso. *Desenvolvimento e subdesenvolvimento*. 4. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009 (1961). p. 111.

econômica, política e social, por meio da qual o crescimento do padrão de vida da população tende a tornar-se automático e autônomo. Trata-se de um processo social global, em que as estruturas econômicas, políticas e sociais de um país sofrem contínuas e profundas transformações. Não tem sentido falar-se em desenvolvimento apenas econômico, ou apenas político, ou apenas social. Na verdade, não existe desenvolvimento dessa natureza, parcelado, setorializado, a não ser para fins de exposição didática. Se o desenvolvimento econômico não trazer consigo modificações de caráter social e político, se o desenvolvimento social e político não for a um tempo o resultado e causa de transformações econômicas, será porque, de fato, não tivemos desenvolvimento<sup>40</sup>.

Michael Hans trata o desenvolvimento sustentável especificamente como uma nova maneira de a sociedade relacionar com seu ambiente de forma a garantir a sua própria continuidade e a de seu meio externo. Entretanto, a formulação de uma definição para o conceito de desenvolvimento sustentável ainda gera diversas interpretações, existindo, segundo alguns autores, certo grau de consenso em relação às necessidades de se reduzir a poluição ambiental, eliminar os desperdícios e diminuir o índice de pobreza (Baroni, 1992)<sup>41</sup>.

Celsofurtado, ao traçar um esboço sintético do processo desenvolvimento-subdesenvolvimento, afirma que a formação do sistema econômico mundial apoiou-se, assim, tanto no processo de transformação das estruturas sociais como no processo de modernização do estilo de vida, sendo o desenvolvimento e subdesenvolvimento, como expressão de estrutura sociais, resultantes da prevalência de um ou outro desses dois processos. Assim, o desenvolvimento e o subdesenvolvimento devem ser considerados como situações históricas distintas, mas derivadas de um mesmo impulso inicial, tendendo a reforçar-se mutuamente<sup>42</sup>.

Conceber um modelo coerente e desejável de sociedade de decrescimento constitui não só uma reflexão teórica, mas também uma etapa importante na sua implementação política. É preciso avançar ainda mais na elaboração de proposições concretas, ainda que o trabalho de autotransformação em profundidade da sociedade e de seus cidadãos nos pareça mais importante que os prazos eleitorais. Isso não quer dizer, no entanto, que o parto será espontâneo

<sup>40</sup> PEREIRA, Luiz Carlos Bresser. *Desenvolvimento e crise no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1977. p. 21.

<sup>41</sup> HANS, Michael van Bellen. *Indicadores de sustentabilidade: uma análise comparativa*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 22.

<sup>42</sup> PEREIRA, Luiz Carlos Bresser. *Op. cit.*, p. 24.

e sem dor. A política politiqureira tem hoje pouco contato com as realidades que têm de ser mudadas e convêm ser prudente na forma de fazer uso dela<sup>43</sup>.

No que concerne às consequências e impactos do desenvolvimento sustentável e crescimento demográfico atual, Jose Eli da Veiga argumenta que o que pareceria ser um mundo diverso e incerto revela-se a solução determinista de uma equação simples e trivial. Ecólogos desenvolveram modelos simples de crescimentos populacionais que mostram o comportamento caótico no tempo como forma de explicar as mudanças aparentemente aleatórias que ocorrem na abundância das espécies. Sendo assim, o autor propõe como solução para evitar as catástrofes provocadas pela explosão demográfica a adoção de abstinência sexual pelos integrantes das classes sociais menos favorecidas, e, também, pela redução dos programas assistencialistas governamentais e privados. Com o passar do tempo, verificou-se que as previsões de Malthus eram mais apocalípticas que a própria realidade, e que, se o colapso econômico e social da sociedade viesse a acontecer, teria uma série de causas, mas a explosão demográfica não seria uma delas<sup>44</sup>.

Poderíamos considerar o estado caótico e conflituoso da era planetária como seu estado “normal”, suas desordens como os ingredientes inevitáveis de sua complexidade, e evitar usar o termo crise, hoje banalizado e manuseável em todos os sentidos. Mas talvez, então, devemos lembrar o que entendemos por “crise”... Uma crise se manifesta pelo crescimento e até mesmo a generalização das incertezas, por rupturas de regulações ou *feedbacks* negativos (os quais anulam os desvios), por desenvolvimento de *feedbacks* positivos (crescimentos descontrolados), pelo crescimento dos perigos e das oportunidades (perigos de regressão ou de morte, oportunidades de encontrar solução ou salvação). Quando consideramos o estado do planeta, constatamos: o crescimento das incertezas em todos os domínios, a impossibilidade de qualquer futurologia segura, a extrema diversidade dos cenários de futuro possíveis; rupturas de regulações (inclusive, recentemente, a ruptura do “equilíbrio do terror”), o desenvolvimento de crescimentos em *feedbacks* positivos, como o crescimento demográfico, os desenvolvimentos descontrolados do crescimento industrial e os da tecnociência; perigos mortais para o conjunto da humanidade (arma

<sup>43</sup> LATOUCHE, Serge. *Pequeno tratado do decrescimento sereno*. Trad. Cláudia Berliner. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2001. p. 95.

<sup>44</sup> VEIGA, José Eli da. Op. cit., p. 88.

nuclear, ameaça à biosfera); e, ao mesmo tempo, oportunidades de salvar a humanidade do perigo, a partir da própria consciência do perigo<sup>45</sup>.

Nessa racionalidade de crise global, desenvolvimento sustentável e o tempo na modernidade, Jose Luis Serrano e Francisco Duarte aduzem que:

*La sociedad mundial puede representarse al tiempo futuro como continuo inicio, eso es, como continua interrupción. Pero el tiempo futuro es visible sólo desde la perspectiva de la probabilidad: podrá ser pero también podrá no ser. Depende de aquello que se elija en el presente. Cada elección puede impedir que se realice, así como sólo una elección puede hacerlo posible. Pero las elecciones son eventos ligados a los acontecimientos. Se requieren vínculos en la sociedad mundial: los vínculos que liguen el tiempo y fijen un futuro.*<sup>46</sup>

A racionalidade ambiental se apresenta como o reatamento de processo no sentido da sustentabilidade. A transição para a sustentabilidade convulsiona os tempos nos quais se entrecruzam as inércias em aceleração das racionalidades estabelecidas e o desencadeamento de novos processos para desenvolver o potencial ambiental, a conformação de novas consciências, a constituição de novos atores e a produção de mudanças institucionais mobilizadas por novos valores e racionalidades<sup>47</sup>.

Essa nova racionalidade ambiental, argumentada por Leff, baseia-se nessa quebra de paradigma da complexidade ambiental e sua crise social e econômica. A racionalidade econômica como sinergia negativa deve ser erradicada nas sociedades e passar a agir a uma racionalidade ambiental com a intenção de fortalecer as sinergias positivas. O poder econômico atual e as necessidades humanas nessa modernidade caótica devem alcançar uma mudança de mentalidade para alcançar uma sociedade sustentável.

Assim, cabe responder o questionamento principal deste trabalho de que se o crescimento populacional é um problema global ou somente é um problema regional ou setorial que afeta ou afetara a um espaço ou sociedade determinada.

<sup>45</sup> MORIN, Edgar; KERN, Anne Brigitte. Op. cit., p. 93.

<sup>46</sup> SERRANO, José Luis; DUARTE, Francisco Carlos. La nueva temporalidad y el riesgo en la sociedad mundial. Separata de sequência. *Revista do Curso de Pós-Graduação em Direito da UFSC*. Florianópolis, a. XXVII, 2007. p. 125.

<sup>47</sup> LEFF, Enrique. Op. cit., p. 408.

Nossa posição é que cada país mantém um perfil de desenvolvimento sustentável segundo sua realidade e necessidade social, mas cabe delimitar quais são esses países que precisam dessa adequação ou equiparação entre o crescimento demográfico e o desenvolvimento sustentável. Mantenho a tese de que as políticas públicas de controle populacional se programarão de forma regional ou setorial e não global porque os interesses de cada país ou região são distintos entre si, como é o caso dos países asiáticos e dos países europeus.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância das variáveis demográficas e os seus índices de natalidade e mortalidade são fundamentais na programação de políticas públicas sobre o crescimento populacional. Em uma sociedade específica, terá que valorar os impactos sociais dessas políticas com a finalidade de equilibrar o desenvolvimento sustentável.

O relatório de desenvolvimento humano 2006 da UNFPA, ONU, coloca em foco o crescimento populacional global até o 2050, no qual se calcula que o mundo estará habitado por mais de 9 bilhões de pessoas, concentrando-se a maioria nas megacidades. Essa concentração populacional urbanística sofrerá graves crises de índole social, econômica e ambiental.

O mundo começa a lotar-se pelo alto índice demográfico pelo qual os países desenvolvidos começam a adotar medidas protecionistas nas suas fronteiras com o fim de evitar a migração massiva dos cidadãos dos países subdesenvolvidos. Nessa procura de terras habitáveis e dos alimentos para satisfazer suas necessidades básicas, irá ocasionar uma grave crise global, que terá como pilar o uso da violência para contra-arrestar essa migração massiva.

Na agenda da última cumbre dos países da Ásia-Pacífico, APEC-2012, a maiorias dos países adotaram a posição de estar contra o protecionismo dos alimentos. As políticas econômicas destes países irão aprofundar essa abertura.

Por último, quando falamos de controle populacional, este estará focalizado em uma sociedade determinada, não tem interesses globais porque a realidade social dos países são distintos um entre os outros. Entende-se que essa crise na modernidade, tendo como um dos seus componentes a explosão demográfica, se buscará equilibrar e obter uma racionalidade ambiental que permita uma atuação sustentável dos Estados e dos seus integrantes com o fim de chegar a uma democracia sustentável.

## REFERÊNCIAS

- ACHÁVAL, Alberto. *Crescimento demográfico y contaminación ambiental*. 1. ed. Buenos Aires: Editorial Dunken, 2006.
- CHACKIEL, Juan. *La dinámica demográfica en América Latina*. Centro Latinoamericano y Caribeño de Demografía (Celade) – División de Población. Serie 52. Santiago de Chile: Cepal, 2004.
- FRIEDMAN, Thomas L. *Quente, plano e lotado: os desafios e oportunidades de um novo mundo*. Trad. Paulo Afonso. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.
- FURTADO, Celso. *Desenvolvimento e subdesenvolvimento*. 4. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009 (1961).
- HANS, Michael van Bellen. *Indicadores de sustentabilidade: uma análise comparativa*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- HARDIN, Garrett. *População, evolução e controle da natalidade*. Cap. 2. Trad. Leonidas Gontijo de Carvalho. São Paulo: Companhia Editora Nacional. Editora da Universidade de São Paulo, 1967.
- HOGAN, Daniel Joseph (Org.). *Dinâmica populacional e mudança ambiental: cenários para o desenvolvimento brasileiro*. Núcleo de Estudos de População – Nepo/Unicamp. Campinas, 2007.
- LATOUCHE, Serge. *Pequeno tratado do decrescimento sereno*. Trad. Cláudia Berliner. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2001.
- LEFF, Enrique. *Saber ambiental*. Sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.
- MALTHUS, Thomas Robert. *Princípios de economia política e considerações sobre sua aplicação prática*. Ensaio sobre a população. Trad. Regis de Castro Andrade, Dinah de Abreu Azevedo e Antonio Alves Cury. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- MARTINE, George. *Desencadeando o potencial do crescimento urbano*. Situação da população mundial 2007. *Revista Fundo de População das Nações Unidas UNFPA – UN*. New York, 2007.
- MORIN, Edgar; KERN, Anne Brigitte. *Terra-pátria*. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- PACHECO, Mário Victor de Assis. *Explosão demográfica e crescimento do Brasil*. Série Estudos sobre o Brasil e América Latina. Rio de Janeiro: Paz e Terra, v. 18, 1974.
- PEREIRA, Luiz Carlos Bresser. *Desenvolvimento e crise no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1977.

SEN, Amartya; KLIKSBURG, Bernardo. As pessoas em primeiro lugar. A ética do desenvolvimento e os problemas do mundo globalizado. Trad. Bernanrdo Ajzenberg, Carlos Eduardo Lins da Silva. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SERRANO, José Luis; DUARTE, Francisco Carlos. La nueva temporalidad y el riesgo en la sociedad mundial. Separata de sequência. *Revista do Curso de Pós-Graduação em Direito da UFSC*. Florianópolis, a. XXVII, 2007.

SHAPIRO, Mario Gomes. Repensando a relação entre Estado, direito e desenvolvimento: os limites do paradigma *Rule Of Law* e a relevância das alternativas institucionais. *Revista Direito GV*, 6 (1), jan./jun. 2010.

VEIGA, José Eli da. *A emergência socioambiental*. São Paulo: Senac, 2007.

WELZER, Harald. *Guerras climáticas: porque mataremos e seremos mortos no século 21*. São Paulo: Geração Editorial, 2010.

#### **ACESSO A INTERNET**

Disponível em: <<http://www.unfpa.org/webdav/site/global/shared/documents/publications/2012/UNFPA%20Population%20matters%20for%20sustainable%20development.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2012.